

**“O FILHO DO HOMEM NÃO TEM ONDE RECLINAR A
CABEÇA” (Lc 9,58):
Lugar do encontro com Deus para o discípulo-missionário**

*Neuza Silveira de Souza**
*Maria de Lourdes Augusta***

Introdução

O texto de Lucas nos transporta para uma reflexão de nossas realidades. Quem são aqueles que não têm onde reclinar a cabeça?

Quem são aqueles que, se colocando no seguimento de Jesus, o Cristo, realizam a tarefa de recriar a ação de Jesus em meio aos desafios e apelos de nosso tempo?

Os ambientes de hoje são muito diferentes daqueles em que Jesus viveu e pelos quais caminhou. Levar a mensagem de Jesus para os povos de hoje é um grande desafio. Jesus viveu e trabalhou em um ambiente rural.

Hoje, as metrópoles são os grandes desafios missionários. Nelas vislumbram-se o lugar mais visível das contradições da modernidade tardia. Nelas percebem-se os espaços diversificados socialmente: o centro, a periferia, as áreas rurais. Na metrópole, o sujeito moderno se destrói, se mostra no seu individualismo e, muitas vezes, se perde em seu desejo de satisfação e bem-estar.

A maioria das pessoas vive em cidades, num ambiente agitado, agressivo, tumultuado; um lugar da não solidariedade e da não construção de bases sólidas de fraternidade; lugar que oferece um ambiente religioso diversificado, onde as pessoas podem escolher novas formas de viver a religião. Esta é uma característica das grandes cidades que apresentam esse espaço fecundo de criações e recriações religiosas. A religião vai acompanhando os processos de evolução das metrópoles com seus encantamentos, suas interpretações sobrenaturais e simbólicas.

É diante dessa realidade que nos encontramos. A modernidade ou pós-modernidade se interpõe à Igreja, fomentando uma cultura neoliberal, globalizante, consu-

* Pós-graduanda em Pedagogia catequética, na Universidade Católica de Goiás; Pós-graduada em Teologia Pastoral, na PUC-Minas; Bacharel em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Professora de Bíblia no Serviço de Animação Bíblica – SAB, no Centro de Teologia Pastoral Eucarístico – Cetep, professora do Centro de Formação de Lideranças Pastorais – Cefap e Assessora de Teologia no projeto “Teologia Viva”.

** Religiosa da Congregação das Pequenas Irmãs da Divina Providência; Licenciada em Filosofia pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG; Pós-graduada em Ciências da Religião pela Fundação Educacional de Divinópolis da UEMG; Bacharel e Mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – Belo Horizonte. Atualmente é assessora de Teologia no Projeto “Teologia Viva” da Arquidiocese de BH e Professora no Centro de Teologia Eucarística Pastoral – Cetep/BH; Professora de Bíblia no Seminário “São José” da Arquidiocese de Mariana e participa da Pastoral de Rua da Arquidiocese de Belo Horizonte. Contato: lourdesaugusta@ig.com.br

mista e individualista. Desafios como pluralismo cultural e religioso, diálogo com outras religiões, desafio da comunicação da fé, da ecologia, da biodiversidade e da sustentabilidade se fazem presentes.

Torna-se de fundamental importância *colocar a mão no arado*, se fazer discípulo de Jesus, prestar atenção aos sinais da realidade cotidiana, cuidar do amor preferencial aos pequeninos e mal-amados pelo mundo, à humildade e o espírito de serviço.

Para os discípulos de Jesus, não foi fácil se manterem firmes no seguimento dele, considerando as grandes exigências daquela época. Também em nossos dias não é nada fácil. Jesus assumiu a ação do Messias junto aos pobres e oprimidos, concretizando-a na realidade de seu tempo. Ele acolheu os marginalizados. Ofereceu um lugar aos que não tinham lugar na convivência humana. Acolheu aqueles que não eram acolhidos: os pescadores, os pagãos, os samaritanos, os impuros, os leprosos, os possessos, os doentes, mulheres, crianças, os colaboradores do império (publicanos e soldados), os pobres (povos sem poder). Jesus não excluiu ninguém. Sua opção foi clara: não apoiar-se no sistema que marginaliza as pessoas. E nós? Estamos assumindo a nossa missão, assim como Jesus e seus discípulos?

Que lugar está sendo oferecido aos excluídos do nosso tempo? Quais os desafios que as Igrejas de hoje estão enfrentando com a evangelização? Ela está indo ao encontro com os excluídos de hoje? Que critérios estão sendo observados? *Fazer como Jesus fez é o grande critério para estender, a todo lugar e época, a mesma atuação libertadora do Filho de Deus no mundo.*

A partir do contexto cultural, no qual estamos imersos, urge compreender a práxis de Jesus para descobrirmos, hoje, o verdadeiro lugar do encontro com Deus para o discípulo-missionário. Procurando oferecer pistas que nos coloquem nesse caminho de seguimento, apresentamos uma reflexão a partir da análise do texto de Lc 9,57-58. Situando-nos na realidade contemporânea, pontuaremos alguns aspectos que nos desafiam para a prática da vida cristã. Em seguida, aprofundaremos o texto em questão no contexto de Lucas, para, posteriormente, percebermos as interpelações para o nosso agir concreto no seguimento de Jesus.

Este estudo se encontra em consonância com o compromisso de uma grande missão em todo o Continente Latino-americano e Caribenho ao aprofundar e enriquecer razões e motivações que permitem a conversão do cristão em discípulo-missionário (cf. Documento de Aparecida [DA], n. 362)¹.

1. Conhecendo o contexto da realidade contemporânea

Encontramo-nos num mundo de rápidas transformações e mudanças. O contexto atual se encontra marcado por mudanças profundas em todos os níveis da sociedade: econômico, político, cultural e religioso. Fazendo uma leitura do contexto atual

1. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. 13-31 de maio de 2007. São Paulo. CNBB, 2007.

percebemos como o setor financeiro domina a economia, apoderando-se de toda a renda dos setores médios e baixos da população e gerando concentração de renda nos setores altos da sociedade. A distância entre ricos e pobres continua se alargando. Esta visão está perceptível em toda parte: em todos os continentes, a mesma realidade.

Estas mudanças chegam com intensidade provocando: perplexidade, impacto, transformação e incertezas. Uma realidade flexível que nos revela a radicalidade das mudanças que, em poucas décadas, o mundo vem experimentando.

Encontramo-nos todos imersos numa denominada “crise da modernidade”. Uma crise que nos coloca inseridos em uma sociedade do conhecimento, uma nova era do capitalismo. Aqueles que não têm conhecimento tornam-se excluídos.

A contemporaneidade nos traz a realidade vivencial a partir dos últimos vinte anos, e pode-se considerar a marca desta época o fenômeno da globalização ou da mundialização. Um período fortemente sustentado pela tecnologia avançada da informação, a informática, que organiza a vida econômica, política e social, segundo uma ordem mundial.

1.1 Os grandes avanços da contemporaneidade que influenciam o novo jeito de viver

Desde meados do século XX, o Ocidente vem passando por essa transformação: um reencantamento do mundo. Vários movimentos, como o *hippie*, o ecológico, o esotérico, o carismático, a Nova Era e o florescimento de espiritualidades orientais colocaram em questão os limites impostos pela razão secular.

Abriram-se novos horizontes e com eles vieram outros valores. Os grandes avanços da técnica e da informática estão influenciando fortemente o agir das pessoas, através de novos códigos de comportamento que vão surgindo. Hoje tornou-se comum encontrarmos crianças, adolescentes, jovens e adultos de *walkman* ou MP3 nos ouvidos, totalmente invadidos pelos *games*, adaptados às conversas virtuais e às “grandes navegações” na internet e nos modernos aparelhos celulares. Muitas pessoas já não conseguem mais viver fora desse mundo eletrônico. Estão totalmente envolvidas pela praticidade da informática. Em questão de minutos sempre têm o mundo inteiro dentro de si. Com certeza, muitos ainda se encontram excluídos da participação direta nesse setor, embora em contato indireto com essas novas linguagens e tecnologias.

É justo reconhecer que os avanços contínuos da ciência e da tecnologia têm conquistado inúmeros benefícios nos vários campos do saber e do agir humano, dignificando a inteligência e garantindo uma melhor qualidade de vida para grande parte da humanidade. Mas, por outro lado, o progresso tem causado problemas de ordem ética, cultural e religiosa, exclusão e miséria de milhares de pessoas, violação dos direitos humanos, agressão à vida humana e à natureza e indiferença religiosa. São algumas das questões que desafiam os cristãos. O que se questiona nessa realidade não é o progresso em si, mas as suas distorções, quando impedem o ser humano de viver e de se desenvolver dignamente enquanto imagem e semelhança de Deus (cf. DA 123; 494).

Quantos atos de violência foram realizados no decorrer desse nosso século. Podemos lembrar o genocídio de judeus, o preconceito contra os homossexuais, a perseguição às Igrejas nos regimes soviético e chinês; a repressão ao povo palestino pelo Estado de Israel, o atentado terrorista de 11 de setembro, e tantos outros.

As distorções originárias do progresso e as violências praticadas afetam todos os setores da sociedade, gente de todos os níveis, idades e culturas. Atingem também a vivência de fé católica na diversidade de suas expressões.

1.2 O lugar da religião na contemporaneidade

A realidade nos mostra um mundo cheio de diversidade e pluralidade de ideias. Nesse contexto, qual é o lugar da prática da religião? Onde se pode viver a fé em Cristo como proposta à liberdade do ser humano?

Percebe-se a perda de espaço da religião na vida cotidiana. A religião já não é mais o primeiro lugar nas atenções do mundo atual. Seu espaço tornou-se relativamente pequeno no universo da cultura moderna. Não sendo mais prioridade, o tempo dedicado a ela também se tornou pequeno.

Esta perda de espaço está relacionada ao crescimento de outras crenças e/ou religiões onde predominam pequenos deuses com pequenos poderes que, embora não interfiram nas estruturas sociais, ajudam na vida cotidiana de cada pessoa. São os gnomos, duendes, fadas, entidades e anjos, energias e forças cósmicas, santos e santas e até mesmo um Jesus que aposta na fé da pessoa para dar-lhe o prêmio de prosperidade.

Diante desse pluralismo cultural e religioso, a legitimação das diferenças contribui para uma autonomia dos sujeitos face às instituições, e estas se tornam esvaziadas, perdem o controle da normatização da sociedade à medida que as pessoas, individualizadas e dispersas, vão internalizando suas decisões.

Conhecer quem foi Jesus, sua história, sua concepção de mundo, o que ele disse, para quem se dirigiu, por que falou, em que circunstância falou, qual o contexto de seu tempo é deixar de ser escravo da ignorância. Mas a nossa fé nos exige ir além do saber sobre Jesus e buscar respostas para saber quem é o Jesus Cristo, o Deus encarnado que deve ser anunciado. Esse conhecimento de quem foi Jesus no seu contexto histórico e quem é Jesus na nossa história nos ajudam a fazer a experiência de Deus e adentrar-se no seu mistério.

2. Conhecendo o contexto da realidade no tempo de Jesus

Jesus nasceu, viveu, morreu e ressuscitou no contexto da dominação romana. Nasceu pobre entre os pobres e, segundo a tradição cristã, em Belém, onde nem teve berço para repousar (cf. Lc 2,7). Durante sua vida em Nazaré, na região da Galileia, trabalhou com as próprias mãos, como carpinteiro (cf. Mc 6,3). Embora de situação humilde, Jesus era um homem bem informado da situação de seu povo.

No seu tempo havia uma grande concentração de terras. Os romanos, através de Herodes, confiscavam grandes números de pequenos lotes deixando os camponeses pobres na condição de servos ou de escravos.

A sociedade judaica compunha-se de ricos, remediados, pobres, escravos e miseráveis. Os ricos integravam a corte e a aristocracia sacerdotal e leiga; os remediados eram os proprietários de terra, de casas de comércio e oficinas de artesanato. Os pobres, na sua maioria, eram os diaristas ou assalariados. Os escravos, judeus ou pagãos, comuns na época, viviam à mercê de seus patrões. Os miseráveis sobreviviam à base da esmola e da ajuda dos outros na forma individual e institucional.

O povo pobre – escravos e miseráveis – não tinha instrução. Em geral analfabeto, era desprezado pelas autoridades religiosas e civis, pelos ricos saduceus, pelos fariseus e escribas. Esse povo era desorganizado, não cumpria a lei (cf. Jo 7,49) e ficava à margem da vida política. Escravizados e sofrendo dominações, o povo mantinha viva a esperança de um Messias que viesse restaurar a dinastia de Davi trazendo a paz, a justiça e a igualdade.

A Palestina, do ponto de vista político, era uma das regiões mais instáveis do Império. Legados, procuradores, tetrarcas eram mantidos no poder por pouco tempo.

O povo da Palestina se posicionava contra o culto imperial. Os judeus foram os que mais se opuseram ao culto. Eles, dispersos nas cidades do Império, resistiam à prática do culto para defenderem a sua identidade religiosa. Existia um estatuto especial, assinado pelo imperador que tolerava o judaísmo, como religião, desde que respeitasse a autoridade romana e pagasse o imposto ao imperador.

A religião fazia parte da vida das pessoas e da cidade. Na religião oficial do Estado, os sacerdotes deviam realizar o culto ao imperador e aos deuses de Roma. A religião era o sustento do poder.

Jesus criticou duramente o sistema político e religioso do seu tempo. O Templo, elemento central da religião, foi transformado, em sua opinião, “em um covil de ladrões” (cf. Lc 19,46).

Suas críticas aos ricos e à riqueza em geral foram as mais determinantes já ouvidas: “Como é difícil aos que têm riquezas entrar no Reino de Deus! [...] é mais fácil um camelo entrar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus” (Lc 18,24-25).

3. O texto no contexto do Evangelho de Lucas

Lucas, ao escrever o evangelho de Jesus, quer mostrar como o ser humano, inserido na realidade do seu tempo, pode viver de tal maneira que corresponda à sua dignidade de filho de Deus. Ele apresenta Jesus convidando os seus discípulos à radicalidade do seguimento para que a boa-nova seja compreendida, vivida e anunciada com eficácia tanto aos judeus quanto aos gregos. Não obstante os desafios da evangelização,

no final do primeiro século, o evangelista aponta a missão como ida ativa dos discípulos-missionários a todos os povos e culturas.

Como no tempo de Jesus (anos 27-33) e depois na época de Lucas (anos 80-85), também hoje, na desafiante realidade de nosso tempo, as pessoas anseiam por um lugar “*onde reclinar a cabeça*”, um lugar seguro que lhes ofereça repouso, tranquilidade, paz.

Ainda é possível encontrar esse “lugar”, hoje? Que horizonte permite vislumbrá-lo? Onde se encontra? O que Lucas nos diz nesse sentido?

Na coleção de sentenças comuns a Mateus e Lucas, conhecidas como Fonte Q (de “*Quelle*”: fonte, em alemão) encontra-se uma sentença de Jesus para alguém que se dispôs a segui-lo aonde quer que fosse (cf. Mt 8,19; Lc 9,57). Enquanto Mateus coloca a iniciativa do seguimento: “Mestre, eu te seguirei aonde fores”, na boca de um *escriba*, recordando os que se dedicavam a pensar a Lei, Lucas não identifica o sujeito de nenhuma maneira. Esse detalhe, aparentemente sem importância, revela traços do projeto teológico de Lucas que, dirigindo-se a cristãos oriundos da cultura grega², espera que o ouvinte/leitor de seu evangelho se inclua no seguimento de Jesus.

Jesus responde à pessoa que o interroga: “O Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mt 8,20; Lc 9,58). Com essa resposta, estaria Jesus referindo-se à sua casa, ou melhor, à falta de moradia, de hospedagem? Seria Jesus um profeta itinerante a percorrer as estradas da Palestina e não ter onde descansar? Ou estaria Jesus indicando a “cruz”, como derradeiro lugar de seu repouso?!

Antes de qualquer afirmativa que conduza a caminhos equivocados e desconcertantes, faz-se necessário dar alguns passos com o evangelista Lucas, que coloca a sentença de Jesus nas cenas de exigências do discipulado, em sua grande viagem missionária a Jerusalém (cf. Lc 9,51–19,28).

3.1 A caminho de Jerusalém: sentido teológico

A viagem de Jesus para Jerusalém é a construção mais original de Lucas. Nesta viagem (cf. Lc 9,51–19,28), Jesus é acompanhado por discípulos a quem orienta sobre as condições do seguimento e por numerosa multidão a quem interpela a reorientar a vida para Deus, acolhendo a generosa oferta da salvação. Em Jerusalém, Jesus consumará sua vida assumindo o mistério do sofrimento e da cruz. Acompanhá-lo, nesta viagem, é dispor-se a tomar decisões firmes (cf. 9,51), acolhendo o amor misericordioso de Deus e escolhendo o caminho de vida que cria a nova história.

A cena de Lucas 9,57-58 constitui com as outras duas seguintes (9,59-60 e 9,61-62) as condições exigidas ao discípulo que se dispõe ao seguimento de Jesus, no

2. Lucas escreveu seu evangelho, em diálogo com a cultura grega, atento aos cristãos da segunda geração (anos 80-85), que viviam fora da Palestina (Antioquia e/ou Filipos), num mundo cultural e religioso diferente daquele em que Jesus viveu e agiu. Cf. FABRIS, R. O Evangelho de Lucas: tradução e comentários. In: FABRIS, R. & MAGGIONI, B. *Os Evangelhos*. São Paulo: Loyola, 1992. vol. II., p. 16.

caminho de Jerusalém. Colocando-as na primeira etapa da viagem (cf. 9,51–13,21), Lucas pretende ajudar a quem quer tornar-se discípulo – ou seja, sair do anonimato da multidão e assumir uma identidade – a confrontar-se com uma pergunta fundamental: “Tenho as disposições requeridas para seguir, com fidelidade, o Senhor?”

As três cenas que respondem a esta pergunta (cf. Lc 9,57-62) se encontram entre duas ações missionárias: a primeira marca a passagem de Jesus pela Samaria e a recusa dos samaritanos (cf. 9,51-56) e a segunda narra o êxito da missão dos 72 discípulos (cf. 10,1-24).

Os três relatos de seguimento e as duas ações missionárias (9,51–10,24) constituem uma unidade literária e teológica cujo tema é a instrução de Jesus aos seus de como ser *discípulo-missionário*. Discipulado e missão, seguimento e evangelização constituem aspectos inseparáveis do ensinamento de Jesus³.

Em Jerusalém, lugar central na obra lucana (Evangelho e Atos dos Apóstolos) e um dos fios condutores do projeto literário e teológico de Lucas, o discípulo-missionário vive o mistério da morte e ressurreição de Jesus (cf. Lc 23,46) e aí recebe o dom do Espírito que o impulsionará ao anúncio da boa-nova da salvação até os confins da terra (cf. At 1,8).

3.2 *Discipulado e ações missionárias: organização literária*

As cenas que caracterizam o discipulado e as condições para o seguimento são colocadas entre duas significativas realizações missionárias, a saber: a missão de Jesus e seus discípulos na Samaria (cf. Lc 9,51-56) e a missão dos setenta e dois discípulos em lugares diversos (cf. Lc 10,1-24).

3.2.1 *Missão de Jesus e seus discípulos na Samaria (Lc 9,51-56)*

É o começo da grande viagem. O tempo de Jesus nesta terra está por concluir. Em Jerusalém, Jesus passará pela morte violenta, mas será glorificado junto de Deus. Como o profeta que não desanima em sua missão, mas confia plenamente em Javé (cf. Is 50,7), Jesus toma a firme decisão de partir para Jerusalém (cf. Lc 9,51).

O caminho mais direto da Galileia para Jerusalém atravessa a Samaria. Jesus envia mensageiros para preparar-lhe hospedagem. Onde será acolhido? Onde repousará? Os judeus evitavam relacionar-se com os samaritanos, a quem odiavam por causa de suas origens bastardas e divergências religiosas (2Rs 17,24-41; Jo 4,9). A comitiva de Jesus é rejeitada, mas seus discípulos não se conformam. Como outrora o profeta Elias fez descer fogo do céu e queimar seus opositores (cf. 2Rs 1,10-14), Tiago e João – os “filhos do trovão” (cf. Mc 3,17) – propõem o mesmo para os samaritanos. A missão de Jesus está quase terminada, no entanto os discípulos ainda não compreendem seu messianismo. Jesus os repreende.

3. Cf. RETAMALES, S.S. *Lc 9,57-62: Las opciones por el anuncio del Reino p. 2*. Disponível em: http://www.iglesia.cl/breves-new/archivos/documentos_sini/916.pdf – Acesso: 09/11/2009.

Lucas mostrará Jesus superando a recusa dos samaritanos ao destacar atitudes humanitárias dos mesmos: o samaritano viajante que se faz *próximo* e se compadece do homem quase morto na estrada (cf. Lc 10,25-37) e o samaritano leproso que, depois de curado, volta para *agradecer* a Jesus (cf. Lc 17,11-19). Todavia, quando o anúncio da boa-nova partir de Jerusalém, então os samaritanos abrir-se-ão à novidade do Reino (cf. At 8,5-25), experimentando grande alegria.

Por ora, Jesus e seus discípulos partem para outro povoado. Ainda que experimentalmente profunda solidão que culminará na cruz, pois nem mesmo os discípulos conseguem captar o mistério da pessoa de Jesus, nada o fará recuar (cf. Is 50,5) até que tudo seja entregue nas mãos do Pai (cf. Lc 23,46; Jo 19,30).

3.2.2 Missão de Jesus e os setenta e dois discípulos em lugares diversos (Lc 10,1-24)

O relato da missão dos setenta e dois discípulos é específico de Lucas, ainda que grande parte do material se encontre em Mateus no contexto da missão dos doze (9,37-38; 10,7-16.40), de modo especial.

Setenta e dois (texto grego) ou *setenta* (texto hebraico) é o número tradicional das nações pagãs. Lucas apresenta aqui uma prefiguração simbólica da missão que só começará depois da Páscoa e de Pentecostes (cf. Lc 24,47; At 1,8). Como na missão em Samaria (cf. Lc 9,52), Jesus envia mensageiros à sua frente (cf. Lc 10,1), porém não para lhe prepararem hospedagem e alimentação e sim para serem precursores espirituais. A grandeza da tarefa dos discípulos-missionários está exatamente em participar da missão de Jesus (cf. Lc 10,16), reservada não apenas aos Doze, mas a quantos se dispuserem a *deixar tudo* para segui-lo (cf. Lc 9,57-62).

A conduta dos discípulos-missionários quer em casa (cf. Lc 10,5-7), quer em alguma cidade (cf. Lc 10,8-11) deve pautar-se pelo anúncio da *paz* messiânica própria do Evangelho e por uma inteira *liberdade* que os impeça de preocupar-se com hospedagem confortável e os possibilitem dedicar-se inteiramente à missão. A proposta do Evangelho pode até ser rejeitada, mas isso não pode tirar-lhes a paz: o dom messiânico por excelência (cf. Is 9,5-6; Lc 2,14.29), a bênção, a plenitude da vida.

Quando retornam da missão, os discípulos se alegram pelos milagres realizados e Jesus os faz ver que tais milagres são apenas sinais de uma libertação muito mais ampla e profunda. A verdadeira alegria se deve ao fato de que eles participam da novidade do Reino que está se concretizando. Profundamente comovido, Jesus exulta de alegria pela revelação do mistério do Reino aos discípulos (“os pequeninos”) que acolhem a boa-nova e vão, cada vez mais, acreditando nele como Filho de Deus (cf. Lc 10,21-24) enquanto os sábios e os inteligentes não conseguem perceber em Jesus a presença do Reino.

A colocação das cenas de seguimento entre as duas ações missionárias é, portanto, muito significativa. O contraste do resultado de ambas, ou seja, a recusa dos samaritanos e o êxito dos discípulos apontam para a liberdade interior e a gratuidade, dentre outras exigências, que devem caracterizar o discípulo-missionário.

3.2.3 Exigências para o discípulo-missionário (Lc 9,57-62)

Jesus caminha resolutivo na via que o leva à cidade onde consumará o mistério pascal (cf. 9,51). Quem se dispõe a segui-lo precisa estar ciente de que o caminho do seguimento não é um caminho fácil, pois exige encarar o sublime mistério da vida e da morte para encontrar-se com Deus.

Depois do chamado dos primeiros discípulos (cf. Lc 5,1-11), novo chamado se realiza a partir do convite de Jesus e de duas ofertas voluntárias dentre pessoas da multidão que o acompanha (cf. Lc 9,57-62).

O verbo “seguir” (do grego: *akolouthéo*) presente nas três cenas introduz o tema do discipulado. Nestas pequenas cenas, Lucas expõe as condições necessárias para o seguimento de Jesus e a missão que o discípulo deverá desempenhar depois da ressurreição. Trata-se de três casos típicos, válidos para todo discípulo dado que Lucas não se refere a situações reais concretas. Três situações diferentes que têm em comum a radicalidade do tornar-se discípulo.

Enquanto na primeira cena do seguimento Jesus exige como estilo de vida a *itinerância* não tendo o discípulo *onde reclinar a cabeça* a exemplo de Jesus, as outras duas exigem *rupturas radicais* com o pai e a família⁴. O seguimento exige disponibilidade total, desapego, entrega plena de si a serviço do Reino.

3.3 “O Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (Lc 9,57-58)

No caminho para Jerusalém, alguém da multidão toma a iniciativa de um seguimento incondicional. Apresenta-se como voluntário disponível para acompanhar Jesus aonde Ele for. Não se preocupa com o passado nem tampouco com o futuro. Jesus, no entanto, é muito claro com aqueles que desejam segui-lo. Que ninguém se iluda. Ao contrário dos animais e das aves, “Ele não tem onde reclinar a cabeça”. Por isso, pede ao (à) voluntário (a) que pondere a decisão. Afinal, o que Jesus queria dizer?

A sentença de caráter sapiencial (cf. Lc 9,58) oferece a chave de interpretação da cena. Ao designar-se “Filho do Homem”⁵, Jesus não pretende de forma alguma ressaltar sua dignidade em contraste humilhante com a criação, mas quer expressar a sua missão de salvador da humanidade. Seu messianismo transcende o tempo e a história e tal título é o menos contaminado de aspirações políticas e do nacionalismo judaico.

Dizer que “o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” não é afirmar que Jesus ficaria ao relento, enquanto pregador itinerante; ademais existe sempre a casa dos amigos: Pedro (cf. Lc 4,38); Marta e Maria (cf. Lc 10,38) e a sua própria casa em Nazaré (cf. Lc 2,51). Mas, no exercício de seu ministério público (cf. Lc 4,14–21,38),

4. Cf. RETAMALES, *Lc 9,57-62: Las opciones por el anuncio del Reino*, p. 2.

5. A figura enigmática do “Filho do Homem” vislumbrada na visão de Daniel (cf. Dn 7,13) evoca “um homem que transcende as capacidades de toda criatura e sobrepuja as condições da humanidade”. Para uns, significa um ser humano individual, para outros, trata-se de um homem simbolizando o povo de Israel. Cf. STADELMANN, L.I.J. Cristo no Antigo Testamento. In: AQUINO, M.F. de (org.). *Jesus de Nazaré: profeta da liberdade e da esperança*. São Leopoldo: Unisinos, 1999, p. 27.

Jesus, o missionário do Pai, abraça a provisoriedade da própria existência e a gratuidade da partilha e as apresenta como novo estilo de vida aos seguidores (cf. Lc 6,30.34; 10,7-8; 12,22-24). Ao discípulo de Jesus é proposto o desafio de uma vida nômade, sem estabilidade, sem proteção, enquanto se está no serviço missionário do Reino.

Segundo Retamales a interpretação de Lc 9,58 pode ser ampliada com o sentido metafórico da expressão “reclinar a cabeça” (do grego *klínô*: “recostar, inclinar”). No estudo da Lei para conhecer o que agrada a Deus, o judeu piedoso *reclinava* seu coração ou sua cabeça visando obedecer às ordens do Senhor e dessa forma obter verdade, vida e luz. Assim sendo, a sentença de Lc 9,58 pode ser interpretada do seguinte modo: “o Filho do Homem não busca a verdade, vida e luz na Lei de Moisés, porque a fonte definitiva e plena da verdade, vida e luz é Ele”⁶.

Jesus é muito mais que a Lei e suas tradições (cf. Lc 11,29-32). Seguir Jesus é transcender a Lei mosaica e as tradições dos antepassados (cf. Lc 11,37-52), tão significativas para um judeu observante, e encontrar no Filho do Homem a Verdade, a Vida e a Luz. Jesus é o Messias que, de fato, conduz ao encontro com Deus. Somente em Deus, o discípulo-missionário encontra o verdadeiro repouso, o seu refúgio. Santo Agostinho já dizia: “Inquieto está meu coração até que repouse em Deus”.

A segunda cena do seguimento (Lc 9,59-60) culmina na provocante frase: “Deixa que os mortos enterrem seus mortos”. Em Israel, o cuidado e a solicitude para com os pais pertencem à norma mosaica (cf. Ex 20,12); sepultar o pai falecido é um dever sagrado inadiável (cf. Gn 50,5; Tb 4,3; 6,15).

Ao opor a urgência do Reino a este sagrado dever, parece que Jesus propõe algo impossível. Mas, a sua palavra tem sentido simbólico. “Deixar que os mortos enterrem seus mortos” significa libertar-se de todas as amarras familiares e colocar os interesses do Reino de Deus acima das expectativas do pai terrestre. É encontrar a verdadeira liberdade; o essencial para a felicidade do discípulo.

A terceira cena do seguimento (Lc 9,61-62) é transmitida somente por Lucas enquanto as duas primeiras se encontram também em Mateus (cf. Mt 8,18-22). Também esta termina com um provérbio radical: “Quem põe a mão no arado e olha para trás, não está apto para o Reino de Deus”. A exigência de Jesus aos seus discípulos é mais radical que a do profeta Elias a Eliseu, quando este pediu para despedir-se dos seus (cf. 1Rs 19,19-21).

Jesus não admite demoras ou protelações. Aquele que experimentou no coração o chamado para o anúncio do Reino deve segui-lo sem olhar para trás, sem medo de romper com o passado e renunciar a tudo o que possui (cf. Lc 14,33).

O encontro com Deus nos impele para frente, ainda que o preço do seguimento seja a cruz (cf. Lc 14,27). A cruz nunca será buscada, mas ela é consequência do seguimento, da fidelidade do discípulo ao seu Mestre.

6. Cf. RETAMALES, *Lc 9,57-62: Las opciones por el anuncio del Reino*, p. 5.

No evangelho de Lucas, a cruz é apresentada também como caminho espiritual: “Se alguém quiser vir em meu seguimento, renuncie a si mesmo, e tome sua cruz cada dia e siga-me” (Lc 9,23). Aqui a cruz se torna imagem das aflições e dos conflitos cotidianos. A cruz nessa perspectiva leva o discípulo-missionário a uma união mais profunda com Cristo⁷ e, por conseguinte, com Deus Pai.

4. O caminho do discipulado: lugar do encontro com Deus para o discípulo-missionário

4.1 Jesus, o revelador do Pai

O caminho do discipulado é o caminho mais seguro para o seguidor de Jesus fazer a experiência do encontro com Deus, a quem Jesus nos ensinou a chamar de “Pai”.

Lucas, em seu evangelho, evidencia uma relação toda especial de Jesus com Deus. Jesus não é apenas o profeta escolhido para realizar a esperança de Israel e a libertação dos povos, mas é também o “filho amado” (cf. Lc 3,22; 9,35) que ensina um novo modo de conhecer a Deus.

Quando, na subida para Jerusalém (cf. Lc 9,51–19,28), os setenta e dois discípulos retornam da missão (cf. Lc 10,17-24), Lucas apresenta o júbilo de Jesus pelos pequeninos que acolhem o anúncio do Reino e acreditam na sua missão salvadora (cf. Lc 10,21-24). Nesse breve parêntese contemplativo, Jesus explicita uma palavra sobre sua relação íntima com Deus.

Uma alegria sobre-humana, no Espírito, brota incontida dos lábios de Jesus: “Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra”. A Deus pertence tudo o que existe. Ele é o Senhor do céu e da terra. É o criador. Mas, antes mesmo que houvesse qualquer criatura Deus é eternamente Pai. É Pai do Filho unigênito. É fonte de vida. É princípio sem princípio. Deus Pai entrega tudo ao Filho, coloca tudo em suas mãos: “Tudo me foi entregue por meu Pai”. São Paulo diz que “tudo foi criado por Ele e para Ele; Ele é antes de tudo e tudo subsiste nele” (Cl 1,16; Hb 2,7-8).

“Tudo me foi entregue...” No “tudo” manifesta-se a identidade divina de Jesus. Ele é igual ao Pai. É Deus mesmo! Na expressão “me foi entregue” transparece a dependência, a acolhida do dom. O Filho é acolhida, receptividade. Jesus é dom do Pai. É diferente. É outro. A expressão “ninguém conhece o Filho, a não ser o Pai; e ninguém conhece o Pai, a não ser o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar” é densa e tem uma ligação particular com alguns trechos do evangelho de João (3,35; 10,15; 14,7; 17,2.25), destacando a relação íntima que existe entre Jesus e Deus. Somente o Pai e o Filho se conhecem plenamente, se amam, se doam, se entregam eternamente. O conhecimento mútuo entre eles não é um conhecimento intelectual, mas a relação vital escolhida por Deus para manifestar-se de forma plena e definitiva à humanidade.

7. Cf. GRÜN, A. *Jesus, modelo de ser humano: o Evangelho de Lucas*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 93.

No conhecimento entre o Pai e o Filho inclui-se obediência, ternura, amor. É uma experiência recíproca e exclusiva, porém, aberta: “e a quem o Filho o quiser revelar”. A revelação é uma decisão divina, feita na liberdade: é do agrado do Pai; é da vontade do Filho. É obra gratuita do Pai e do Filho. É graça para quem a acolhe.

O ser humano pode ser admitido neste diálogo amoroso e experimentar a gratuidade divina da filiação na experiência filial de Jesus. Ele é o homem pobre e solidário com todos os sofredores que, com sua presença, revela os segredos daquele a quem chama com o termo *Abbá*, Paizinho querido. Jesus dirige-se a Deus com uma simplicidade e ternura, pouco comuns para um judeu.

Se Jesus chama a Deus de Pai é porque se sente seu Filho, e, como tal, a relação vital e de comunhão plena entre ambos só pode ser a do conhecimento mútuo que existe entre um pai e um filho. Esse relacionamento de intimidade e de profunda confiança revela a face transcendente de Jesus. Ele não é um simples enviado, um profeta. É mais. Jesus é “o Filho”, e como Filho anuncia o amor salvífico de Deus. O mistério de Deus é revelado pelo estilo de vida de Jesus – sua pobreza, sua itinerância, sua predileção pelos últimos e excluídos – e pelo seu jeito de anunciar o Reino. É o seu próprio estilo que Jesus propõe aos seus discípulos, de ontem e de hoje.

Hoje, como outrora, os seguidores de Jesus conhecem uma nova relação com Deus: compreendem-se como filhos e, portanto, como irmãos entre si. A consciência de que são amados pelo Pai por pura gratuidade e não por méritos ou qualidades pessoais os leva à mesma opção de Jesus: testemunhar a predileção do Pai pelos pobres e pequenos (cf. Lc 4,18-19), excluídos da riqueza material e cultural.

Este encontro com Deus na existência concreta de Jesus de Nazaré, cujas exigências são muito claras (cf. Lc 9,57-62), impede que seus discípulos constituam uma seita de puros e perfeitos, à margem da sociedade. Pelo contrário, leva-os a se abrirem sempre mais à convivência comunitária da comunidade cristã, à solidariedade com os que sofrem, ao compromisso com a desafiante realidade contemporânea. A plenitude do amor que une Jesus ao Pai é a fonte inesgotável para o encontro com Deus para o discípulo-missionário.

Este caminho para o discipulado aponta os rumos que a Igreja deve seguir. Mostra a comunidade como o lugar da experiência do discipulado.

4.2 O caminho do discipulado, hoje

A Igreja precisa ir ao encontro de todos, principalmente dos pobres, daqueles que vivem nas periferias, migrantes, peregrinos em busca de Jesus Cristo. Percorrer um caminho através do qual se faça o discernimento do que efetivamente signifique ser cristão ajuda as pessoas a formar identidade de fé. A experiência cristã acontece aí, na comunidade, lugar da experiência do discipulado, quando este caminhar possibilita a opção livre e consciente pela pessoa e mensagem de Jesus Cristo. “Sem esquecer as crianças e jovens, são os adultos os primeiros interlocutores a preocupação básica do

cuidado pastoral. Adultos urbanizados, imbuídos das tecnologias com acesso às informações diversificadas e plurais”⁸.

A Igreja de interlocutores atualiza a ação da Igreja em um jeito novo de evangelizar. Propõe uma Igreja circular, lugar onde se vislumbra a formação de um processo participativo e interativo. Uma Igreja aberta ao diálogo, que se abre para as crianças, jovens, adultos, idosos, pessoas com deficiência; considera, ainda, outras importantes realidades: os novos movimentos religiosos, o contexto sociocultural e, sobretudo, os desafios da inculturação.

O pobre não pode ser apenas uma consequência cristológica, mas antes um “lugar teológico”, privilegiado para compreender Cristo e Deus do ponto de vista da teologia cristã. Sua centralidade se dá para além do lugar social, ao atingir a própria compreensão de Jesus. Nesse lugar, a Igreja deve se fazer presente.

O tempo atual é tempo de ousar. Reconhecendo que a lógica contemporânea é individualista e consumista, precisa-se tomar consciência da formação do senso de coletividade para enfrentar as situações de crises que vão surgindo. É preciso abrir espaços para a atuação e condução de lideranças movidas por valores espirituais e morais capazes de ajudar a humanidade fixar o olhar para além das fronteiras do egoísmo, valores estes que sustentem uma caminhada comprometida com o bem comum e com um sonho de uma nova ordem econômica, social e política elevada de valores morais e éticos.

Portanto, depende de cada um trabalhar para que as mudanças sejam para melhor.

A pobreza poderia ser atenuada pela questão da solidariedade. A ação evangelizadora não pode esquecer a realidade das pessoas, suas vidas e experiências, a prática religiosa dos indivíduos. Além de anunciar a boa-nova, quem anuncia precisa estar atento à mensagem. Evangelizar significa encontrar a melhor maneira de expressar a mensagem, numa linguagem compreensível, acessível a todos, de forma a construir um lugar para uma sociedade justa, fraterna e solidária.

Quando nos disponibilizamos para olhar a nossa realidade e percebemos nela traços da realidade do tempo de Jesus, podemos compreender os ensinamentos de Jesus e a sua mensagem.

Se voltarmos o nosso olhar para a nossa história, e para a história do povo de Deus, vimos que sempre foi assim. Quando se busca fazer a experiência do encontro com o Cristo Ressuscitado a vida se torna mais clara, e ganha direção.

Lembremo-nos de Jesus que se fez um anunciador do Reino de Deus a todas as categorias e pessoas: grandes e pequenos, ricos e pobres, sãos e enfermos, próximos e distantes, judeus e gentios, homens e mulheres, justos e pecadores, povo e autoridade etc.

Segundo Vera Bombonato, “ser discípulos-missionários, hoje traz à tona a importância da identidade cristã e apresenta o seguimento como a melhor forma de expli-

8. KESTERING, Dom J. *Catequese, caminho para o discipulado*. Texto da Comissão Episcopal para Animação Bíblico-Catequético. CNBB, 2009.

citá-la. Ser cristão hoje, em nossa sociedade plural, se colocando no caminho do discipulado, no horizonte do seguimento de Jesus, é a volta às raízes bíblicas e à constante atualização para o nosso contexto, assumindo os novos meios e as novas linguagens para expressá-los de forma inteligível e significativa”⁹.

Conclusão

A realidade contemporânea apresenta-nos riquezas e ambiguidades. Nesse contexto, os cristãos são convocados a descobrir e reinventar caminhos para serem coerentes com o evangelho.

Para Lucas, Jesus se apresenta como um ardoroso defensor dos pobres e um implacável crítico dos ricos.

A prática de Jesus é a prática a serviço do amor e da vida. O seu projeto anunciado destina-se, em primeiro lugar, aos pobres. “Felizes os pobres, porque deles é o Reino de Deus”. Os pobres, considerados por Jesus destinatários do Reino de Deus, são os pobres reais e concretos. São aqueles marginalizados da sociedade, os desamparados, nos quais Jesus vê a situação de inumanidade. E Jesus vem anunciar a manifestação de um Deus humano. Jesus vem cumprir e realizar a vontade de Deus sobre a terra: que a pobreza cesse a sua obra que destrói a humanidade. Jesus trabalha para devolver aos pobres desamparados a sua dignidade humana, a sua condição de pessoa humana. A felicidade do Reino é esta: a liberdade. “Pela liberdade, o mundo se torna um desafio à audácia da pessoa humana, em ordem à construção de um mundo livre e solidário”¹⁰.

Da mesma forma que Jesus, ao anunciar o Reino de Deus, mostra-o chegando a Israel para lutar contra a situação desumana em que vivia o povo, assim, também, anunciar o Reino de Deus apresentado por Jesus, aqui e agora, necessário se faz resgatar a dignidade das pessoas que vivem em situação desumana e tornar possível a presença do Reino.

Nesse sentido, *o lugar* se torna imprescindível para a prática do amor. A situação de inumanidade só é perceptível a partir *do lugar do pobre*. É se colocar no lugar dele, ou seja, se fazer próximo a ele; se deixar mover pela compaixão aceitando o desafio do seu agir pelo Reino anunciado. Quando Lucas fala do agir de Jesus, ele está falando do agir de Deus em Jesus Cristo. Quem age é Deus propriamente falando¹¹.

O serviço à vida se faz a partir da capacidade de mover-se de compaixão. Da capacidade de deixar-se confrontar pelo modo de agir de Deus em relação à humanidade, isto é, de deixar-se provocar pela maneira de Deus amar, revelada nas atuações de Jesus em favor dos pobres, doentes, abandonados e marginalizados da sociedade judaica.

9. BOMBONATO, V.I. *Discípulos missionários hoje*. Catequese, caminho para o discipulado. Texto da Comissão Episcopal para a Animação Bíblico-Catequética, 2009.

10. AQUINO, M.F., (org.) *Jesus de Nazaré. Profeta da liberdade e da esperança*. São Leopoldo: Unisinos, 1999.

11. GRÜN, A. *Jesus modelo do ser humano*. O Evangelho de Lucas. São Paulo, 2. ed., Loyola, 2007.

O seguidor de Jesus tenta reproduzir, com a ajuda da graça, o modo de proceder de Jesus. É amar como Jesus amou. O amor de Deus revelado em Jesus é essencialmente salvífico: é amar o ser humano para que tenha vida e vida em abundância.

O evangelista Lucas aponta pistas para a fidelidade no seguimento de Jesus, e nos possibilita dar continuidade à ação de Jesus, indo ao encontro do outro, *lugar* que possibilita o reconhecimento de Jesus através do gesto da partilha e da Palavra.

Fazer adesão a Jesus Cristo é sempre uma libertação total.

Bibliografia

AQUINO, M.F. (org.) *Jesus de Nazaré*. Profeta da liberdade e da esperança. São Leopoldo: Unisinos, 1999.

BOMBONATTO, V.I. *Discípulos Missionários hoje*. Catequese, Caminho para o discipulado. Texto da Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética. CNBB, 2009.

BRIGHENTI, A. *A missão evangelizadora no contexto atual*. Realidade e desafios a partir da América Latina. São Paulo: Paulinas, 2006.

CASALEGNO, A. *Lucas*. A caminho com Jesus Missionário. São Paulo: Loyola, 2003.

FABRIS, R. & MAGGIONI, B. *Os Evangelhos*. São Paulo: Loyola, 1992.

GRÜN, A. *Jesus Modelo do ser humano*. O Evangelho de Lucas. São Paulo: 2. ed., Loyola, 2007.

KESTERING, Dom. J. *Catequese, Caminho para o discipulado*. Texto da Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética. CNBB, 2009.

RETAMALES, S.S. *Ls 9,57-62: Las opciones por El anuncio Del Reino*. Disponível em: http://www.iglesia.cl/breves-new/archivos/documentos_sini/916.pdf. – Acesso: 09/11/2009.